

## Apresentação

### O jornalismo na história contemporânea

[https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_39\\_0](https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_0)

Carla Baptista

Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Instituto de Comunicação da NOVA – ICNOVA

carla.baptista@fcsh.unl.pt

Jorge Pedro Sousa

Universidade Fernando Pessoa. Instituto de Comunicação da NOVA – ICNOVA

jpedrosousa@ufp.edu.pt

A história do jornalismo tem “paradoxos”, como escreveu Martin Conboy (2010). Talvez até mais do que os cinco apontados pelo professor emérito da Universidade de Sheffield, na tentativa de “extirpar” a história do jornalismo da história mais geral dos *media*. Essa tarefa exige um esforço contínuo para situar historicamente as práticas jornalísticas, conceptualizar os seus discursos e, acolhendo a sua diversidade cultural, encetar o recorte teórico que sinalize a distinção do jornalismo. O jornalismo é uma miscelânea de práticas muitas vezes dissonantes com as visões e os ideais que sustentam o seu imaginário. Essa distância é a principal causa da ansiedade com que vivemos o estado do jornalismo no presente e projetamos o seu futuro. *O jornalismo que temos não pode ser igual ao jornalismo que imaginamos?* pergunta ironicamente Barbie Zelizer (2009). A história do jornalismo oferece o olhar compreensivo que, não resolvendo a indecisão do futuro, permite compreender muitas das tensões que atravessam o nosso mundo hipermediatizado.

John Nerone (2005) visualiza a disciplina histórica como a dupla face do deus romano Janus, uma olhando para o passado, a outra contemplando o futuro. A história do jornalismo não se confunde com “as histórias do jornalismo”, relatos memorialísticos de pessoas envolvidas com a profissão que deixaram vestígios preciosos sobre os modos de fazer e pensar o jornalismo. Mas um campo disciplinar só pode emergir a partir da articulação sistémica de múltiplas dimensões: as tecnologias, a cultura das notícias, as técnicas de regulação, a teia de relações complexas que ligam o jornalismo e os jornalistas aos seus públicos, às elites, aos sistemas políticos e económicos. A história do jornalismo não pode deixar cair nenhum destes fios, e tem crescido no alargar progressivo dos seus objetos de estudo, abarcando até o estudo do antijornalismo, designadamente os modos de produção e disseminação de informação falsa, violentamente afastada do património de valores éticos e cívicos que estruturam historicamente a centralidade social do jornalismo. É um projeto grandioso, que procura abarcar o jornalismo enquanto campo de mediação sensível que constrói relações relevantes com a totalidade do universo social. Mas também é um projeto sensato, que inclui o parcelar e o micro, desde que encetados enquanto contributos situados dentro de uma problemática histórica mais transcendente.

Neste número da revista *Media & Jornalismo* acolhemos um conjunto de autores conscientes destas meta-dimensões da história do jornalismo. Nem tudo precisa de ser dito. Mas tudo precisa de estar previsto. São leituras que enriquecem uma visão do jornalismo e dos jornalistas, ou que permitem olhar para parcelas da realidade (a literatura, a política, a história da comunicação, por exemplo), destacando as profícuas relações mantidas com o jornalismo. O artigo de João Miranda leva-nos numa viagem que atravessa quatro décadas de lutas e reivindicações dos profissionais de informação portugueses, tal como foram discutidas nos congressos de jornalistas (1982, 1986, 1998 e 2017). Por aqui vemos o regresso do “eterno retorno” das lamentações dos jornalistas, herdeiros e continuadores de uma profissão sempre em crise, mas também o emergir de novas temáticas que passam a integrar o conjunto de discursos sócio-laborais: questões éticas, técnicas e políticas que testemunham a maioridade do jornalismo. Carla Cardoso e Pedro Marques Gomes trazem-nos a memória de um nome grande do jornalismo português, Artur Portela Filho, recordado enquanto fundador e mentor de um projeto singular, a revista *Opção* (1976–78), a primeira revista de informação semanal a nascer depois da queda do Estado Novo. Cheia de imperfeições, mas também de inovações, deixa-nos uma reflexão sobre o papel do jornalismo em períodos de transição política.

Felisbela Lopes, Clara Almeida Santos, Ana Teresa Peixinho, Olga Estrela Magalhães e Rita Araújo refletem sobre o papel do jornalismo na estruturação da perceção pública de riscos durante a pandemia de Covid-19, entre março de 2020 e fevereiro de 2021. As conclusões são baseadas num inquérito a jornalistas, cujos resultados foram combinados com uma extensa análise de conteúdo à imprensa durante o período da análise. Trata-se de um trabalho robusto do ponto de vista metodológico, que abre novos debates sobre o lugar do jornalismo enquanto instrumento primordial de comunicação de saúde. José Guilherme Victorino traz-nos a evocação de um “breve fenómeno de rebeldia perante o salazarismo”, a revista *Almanaque* (1959–61). Foi breve, porém cheio de estilo, esse espaço de irreverência e humor que atraiu a nata dos intelectuais portugueses da oposição: Cardoso Pires, Sttau Monteiro, Augusto Abelaira, Alexandre O’Neill, Vasco Pulido Valente, José Cutileiro e outros. O programa, como escreveu a jornalista Joana Stichini Vilela num texto comemorativo dos 60 anos da fundação da *Almanaque*<sup>1</sup>, era simples: não respeitar ninguém.

Do Brasil, e pela mão de dois conceituados professores de jornalismo e especialistas em história dos *media*, Marialva Barbosa e Eduardo Medistch, chegamos dois artigos fundamentais para um voo picado sobre o jornalismo brasileiro e a história da comunicação na América Latina. A professora da Universidade Federal de São Paulo articula com grande densidade a história do jornalismo no Brasil durante a década de 80 do século XX e a história do tempo presente, e o professor da Universidade Federal de Santa Catarina (hoje pesquisador permanente) escreve sobre as ligações (forçadas e instrumentais) entre a história da comunicação e a comunicação política. A institucionalização do campo das ciências da comunicação

---

<sup>1</sup> *Expresso*, 9 novembro 2019. Ver em <https://expresso.pt/cultura/2019-11-09-Almanaque-a-revista-no-limite-da-contestacao-a-Salazar>

só pode compreender-se plenamente através do desvelar de processos sociais e discursivos que ocultam até hoje a sua natureza construída, ao serviço de governos e projetos persuasivos em larga escala.

Assunção Gonçalves Duarte traz um contributo para a história da infografia digital a partir do seu momento inaugural — os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque. Foi breve, mas intensa e grandiosa, essa explosão gráfica digital que abriu novos horizontes de leitura e fruição, mesmo se hoje parecem enfraquecidos na maioria dos jornais, fruto do empobrecimento de recursos que afeta a maioria das redações. Olívia Pestana inaugura nesta revista uma reflexão importante sobre os modos de pesquisa em coleções de imprensa digitalizadas, com implicações nas temáticas, formas de colaboração e resultados obtidos pelos pesquisadores. Cândido Oliveira Martins olha para o jornalismo como fonte de inspiração e memória para a (grande) literatura, neste caso o romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago. Com a trama romanescas situada em 1936, no contexto de ascensão do Estado Novo, o escritor recorreu a inúmeras fontes de imprensa para construir o seu retrato de época, embora no estilo críptico e não realista que caracteriza a brilhante ficção saramaguiana.

Isabella Gonçalves e Carla Procópio trazem-nos uma reflexão sobre o potencial do jornalismo imersivo na produção/exploração de memória traumática a partir da análise de um estudo de caso: as quatro reportagens 360.º publicadas pelo *New York Times* em 2017. Paula Melani Rocha e Muriel Emídio Pessoa do Amaral evocam o legado jornalístico da grande escritora Clarice Lispector que durante 40 anos, embora descontínuos, colaborou em inúmeros jornais brasileiros, procurando resgatar um olhar feminista sobre a história do jornalismo. Finalmente, Ariana Pinto Correia e Sofia Neves escrevem um artigo para a secção *Varia*, ou seja, fora do âmbito do dossier temático, que analisa as narrativas mediáticas sobre o femicídio, a partir da comparação da cobertura do jornal *Correio da Manhã* e jornal *Público*, entre 2000 e 2007. São, sem dúvida, contributos que vão enriquecer o conhecimento sobre os mundos do jornalismo e da sua história. Obrigada aos autores e aos revisores que conosco colaboraram, e desejamos aos nossos leitores, excelentes leituras.

## Referências bibliográficas

- Conboy, M. (2010). The Paradoxes of Journalism History. *Historical Journal of Film, Radio and Television*, 30(3), 411-420. <https://doi.org/10.1080/01439685.2010.505040>
- Nerone, J. (2005). The future of communication history. *Critical Studies in Media Communication*, 23(3), 254–262. <https://doi.org/10.1080/07393180600801856>
- Zelizer, B. (Ed.). (2009). *The Changing Faces of Journalism: tabloidization, technology and Truthiness*. Routledge.

## Notas biográficas

Carla Baptista é Professora associada no Departamento de Ciência da Comunicação da NOVA FCSH e investigadora no ICNOVA. É também jornalista freelancer e argumentista de ci-

nema e televisão. Os seus interesses de investigação principais são a história dos *media* e do jornalismo, *media* e política, *media* e cultura e *media* e género.

ORCID ID: 0000-0002-8188-3567

Ciência Vitae: FF1B-13F5-CE58

Scopus Author ID: 57189266192

Morada Institucional: Av. de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa, Portugal

Jorge Pedro Sousa (Porto, Portugal, 1967) é professor catedrático de Jornalismo e Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal) e investigador integrado do ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA. Investiga e tem publicado recentemente no campo da história do jornalismo em Portugal e da análise histórica do discurso jornalístico.

ORCID ID: 0000-0003-0814-6779

Ciência Vitae: 4110-C40A-9ACF

Morada Institucional: Universidade Fernando Pessoa.

Praça 9 de Abril, 349, 4249-004 Porto

ICNOVA. Av. de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa, Portugal

### **How to cite:**

Baptista, C., & Sousa, J.P.(Eds.).(2021).Apresentação.O jornalismo na história contemporânea *Revista Media & Jornalismo*, 21(39), 9–12. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_39\\_0](https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_0)